



## O bullying carnívoro

Já virou tradição: nesta época do ano, o Grupo pela Abolição do Especismo (Gae) e a Sociedade Vegetariana Brasileira (SVB) espalham os cartazes ao lado por Porto Alegre. É uma tentativa de fazer as pessoas refletirem sobre o hábito de comer carne – os mesmos animais que são símbolo do Natal acabam no nosso prato. De fato, muita gente nunca parou para pensar nesse tipo de coisa. Talvez alguém se sensibilize e vire vegetariano.

O que me chama atenção, porém, é como o gaúcho trata aqueles que optaram por abdicar da carne. É sabido que não precisamos dela para sobreviver – há outras fontes de proteína tão nutritivas quanto. Nas minhas viagens, tenho impressão de ter encontrado mais vegetarianos do que carnívoros ultimamente. E ninguém – nem eles nem os outros – vem tratando esse fato como algo digno de nota. Pelo menos não como aqui.

Aqui, vegetarianos sofrem bullying (veganos, então, nem se fala – são ETs). Diariamente escuto comentários desagradáveis, de gente esclarecida, sobre quem fez essa opção. Diariamente. Dizer que não come carne é a senha para ouvir desaforos e/ou provocações. Vegetarianos são tratados como “gente do contra”, como chatos, como párias. Até já ouvi que vegetarianismo é “coisa de gay”, como se



N/A. REPRODUÇÃO

desse para relacionar uma coisa com a outra.

Claro, há os vegetarianos radicais – e esses incomodam também. O que precisamos é um pouco mais de tolerância. Não sou vegetariana (e não das mais carnívoras, para ser justa), mas respeito e entendo as razões de quem é. Tem quem não coma pizza, chocolate. E não há nenhum absurdo nisso. Cada um, cada um.

### Mais uma

A americana Seattle entrou na lista de cidades que baniram as sacolas plásticas do comércio. A lei, aprovada na segunda-feira passada, é mais abrangente que a maioria – além de supermercados, proíbe a distribuição em outras lojas, como as de departamento, de conveniência e de roupas. Até as feiras de agricultores entraram na proibição. Apenas sacolas de papel estarão disponíveis, ao custo de cinco centavos.



Para comemorar seus dois anos, o portal Cultura Ambiental nas Escolas ([www.culturaambientalnasescolas.com.br](http://www.culturaambientalnasescolas.com.br)), desenvolvido pela Tetra Pak, lançou uma nova ferramenta de busca. Ao acessar o portal, é possível encontrar os pontos de entrega de recicláveis mais próximos das escolas.

### Por uma Copa orgânica

Vários setores da economia brasileira querem que a Copa de 2014 seja um divisor de águas. A indústria de produtos orgânicos está entre eles. Na semana passada, foi aprovada a campanha Copa Orgânica e Sustentável, a ser lançada no primeiro semestre de 2012. O objetivo é articular os segmentos de alimentos e bebidas, serviços turísticos, cosméticos e artesanato para qualificar a oferta, ampliar a produção e o consumo consciente dos produtos com o selo da agricultura familiar, da sociobiodiversidade, do comércio justo e solidário e com indicação geográfica.

Com seminários e ações estratégicas nas cidades-sede, será promovida a aproximação dos produtores com hotéis, pousadas e restaurantes, antes, durante e depois da Copa. A iniciativa é do Núcleo Temático Copa Orgânica e Sustentável, coordenado pelo Ministério do Desenvolvimento Agrário (MDA).

\*A coluna da Priscila De Martini é publicada uma vez ao mês. A próxima será no dia 30 de janeiro.

ARTIGO

## PETRÓLEO AZUL

MARCIA SILVA STANTON

Advogada, LLM em Direito Ambiental pela Pace University School of Law.



A cidade de Porto Alegre recentemente anunciou a conclusão da maior obra de saneamento básico de sua história, prevista para o segundo semestre de 2012 – o Projeto Integrado Socioambiental (Pisa). Através das obras do Pisa, a cidade pretende aumentar a atual capacidade de tratamento de esgotos de 27% para 77% em 2012. Não faltam motivos para comemorar, eis que água em quantidade e qualidade é essencial para a manutenção da vida e elemento chave no desenvolvimento sustentável.

No ano de 2000, a Organização das Nações Unidas acordou que um dos Objetivos de Desenvolvimento do Milênio seria o do desenvolvimento sustentável, tendo por metas a redução pela metade do número de pessoas no mundo sem acesso à água potável e saneamento básico. Segundo dados da Agência Nacional de Águas (ANA), a maioria dos rios, lagoas e reservatórios com água em condições de qualidade ruim ou péssima está próxima a regiões metropolitanas, devido principalmente ao lançamento de esgotos domésticos. No Brasil, enquanto 79% dos domicílios urbanos são atendidos por rede coletora ou fossa séptica, apenas 53% do esgoto coletado é tratado.

Além do problema da contaminação, a disponibilidade de água também é diretamente afetada por um aumento da demanda superior à capacidade de seus reservatórios e por eventos extremos associados às mudanças climáticas. Eventos climáticos extremos tais como maior incidência de furacões e tornados, chuvas ou secas prolongadas, acompanhados de ondas de calor, somente agravam a situação.

Para lidar com este problema, são necessárias tanto medidas que garantam o abastecimento de água em quantidade e qualidade, como também medidas que previnam situações de risco, através de políticas de adaptação. Em todas as partes do mundo, urbanização é sinônimo de superfícies impermeáveis pela existência de prédios, telhados e pavimentos, fazendo com que áreas urbanas apresentem uma maior vazão de inundações. Como descrito pelo economista Edward Glaeser em seu livro *Triumph of the City: How Our Greatest Invention Makes Us Richer, Smarter, Greener, Healthier and Happier*, o mundo não é plano, mas pavimentado (numa alusão à obra de Thomas Friedman).

Para melhorar a drenagem urbana, as medidas tradicionalmente adotadas têm sido a execução de obras estruturais que buscam dar rápido

escoamento à vazão de águas. O aumento da vazão, contudo, sobrecarrega o sistema e transfere o problema para a área jusante, resultando em alagamentos, inundações ou mesmo deslizamentos. Em complemento a tais medidas estruturais, podem ser adotadas medidas que buscam aumentar a infiltração na própria área de precipitação. Exemplos são o plantio de vegetação com alto poder de retenção e infiltração das águas pluviais no solo, limitação à utilização de áreas impermeáveis em novas construções ou reformas, restrições ao corte de vegetação, preservação e recuperação de matas ciliares, bem como planejamento do uso do solo.

Se boa parte das medidas não requer a elaboração de novos instrumentos legais, boa parte ainda carece dos arranjos institucionais necessários. A catástrofe ocorrida no começo do ano na região serrana do Rio de Janeiro poderia ter sido bastante minimizada não fosse pela ocupação ilegal de Áreas de Preservação Permanente (APPs). A edição do Plano Nacional de Saneamento Básico em 2007 representou o marco regulatório do setor que, em conjunto com a Política Nacional de Recursos Hídricos

Segundo dados da Agência Nacional de Águas, a maioria dos rios, lagos e reservatórios com água em condições de qualidade ruim está próxima a regiões metropolitanas

e de Resíduos Sólidos, disciplinam praticamente todos os aspectos integrantes da questão do saneamento básico. A efetividade deste arsenal, contudo, depende da costura dos arranjos institucionais necessários, da aplicação sistemática, da gestão integrada, e da atuação articulada de todos os atores.

Por fim, a adoção de práticas que buscam aumentar a infiltração de água no solo, conter a erosão e promover a filtragem natural da água podem ser estimuladas através do emprego de instrumentos de incentivo, como é o caso da nova política de Pagamento por Serviços Ambientais (PSA) em bacias hidrográficas. Embora já praticada em diversos países, é novidade no Brasil, e a Assembleia Legislativa do Estado recentemente instalou uma comissão especial para discutir e formular propostas a um projeto de lei estadual prevendo a utilização deste instrumento.

Ainda que, mundialmente, as reservas de água doce sejam suficientes para abastecer a totalidade da população, elas são distribuídas de forma desigual ao redor do planeta, o que coloca a água como pivô de inúmeras disputas e até mesmo guerras. Se a água é o novo petróleo, como afirmam alguns, nossa riqueza não está no pré-sal, mas saindo por nossas torneiras.